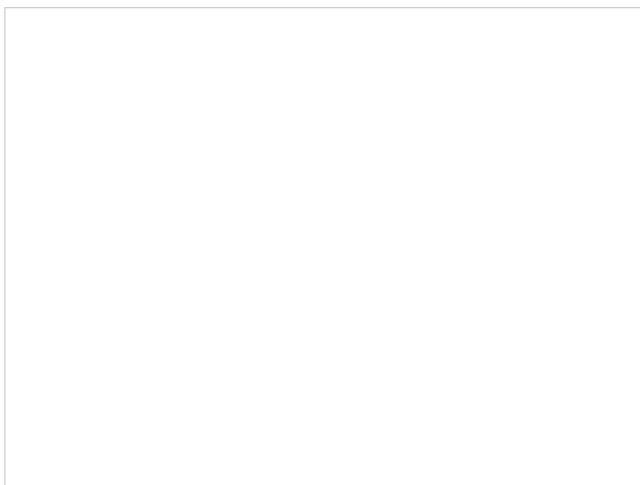




18/04/2018 10:34 - Agevisa alerta para a possibilidade de leptospirose com o fim do inverno e a baixa das águas em áreas alagadiças em Rondônia



Com a baixa das águas em áreas alagadas durante o período de inverno amazônico, aumenta o risco de incidência de leptospirose, a doença infecciosa transmitida pela urina de roedores, como o rato de telhado, a ratazana, e a catita. A Agência Estadual de Vigilância em Saúde (Agevisa) alerta para os cuidados que os rondonienses devem ter para evitar a doença, que no estado tem registro de casos durante todo o ano.

“A ratazana ou rato de esgoto é o que mais transmite essa doença, e o contato com a urina é meio de contágio. É muito comum que eles façam suas tocas em terrenos com acúmulo de lixo e entulhos, e em bueiros. Se essas águas transbordam, trazem a urina e as fezes dos ratos com elas. E aí, o maior problema é quando a água está baixando, deixando para trás todas as bactérias (leptospiras) no local”, explica a coordenadora estadual de Vigilância e Controle da Leptospirose e Pragas, Luzimar Amorim.

Segundo a coordenadora, a retirada de lixo, a limpeza dos terrenos e casas afetados por alagação, ou mesmo a higienização de lugares com infestação de roedores, devem ser feitas com proteção. “No caso dos ribeirinhos, e o problema com alagações constantes, a atenção deve ser redobrada, principalmente porque eles fazem o retorno para as residências após o período de enchente. Na falta de luvas e botas, podem ser usadas duas sacolas plásticas em cada mão e pé. O quintal deve ser raspado, nunca com contato direto com a lama. E a casa, é preciso ser desinfetada”, acrescenta Luzimar.

Para cada balde com 20 litros de água, é recomendado 200 ml de água sanitária. “É só fazer a mistura e espalhar no ambiente, deixando agir por 20 minutos, e lavando o local após o tempo de ação do produto, sempre usando o equipamento de proteção das mãos e pés. É importante também o cuidado com alimentos mal embalados. Se o alimento ficou exposto ou o roedor roeu o pacote, geralmente ele deixa fezes e urina, então a preferência é que seja descartado. Caixas d’água sem tampa também devem ser limpas. Esvazie a caixa, esfregue bem com uma escova ou esponja, e depois dessa limpeza, para cada mil litros do reservatório, espalhe um litro de água sanitária e deixe agir por 30 minutos. Encha a caixa e após 1h30 abra as torneiras, para que essa mesma água passe pela canalização e faça a desinfecção dos canos. Essa mesma água pode ser utilizada para a limpeza da casa”, esclarece a profissional.

Nas áreas rurais, a coordenadora alerta para o acondicionamento dos alimentos no paiol. “Geralmente são lugares cheios de frestas ou com abertura entre o telhado e as paredes, o que dá acesso ideal para os roedores. E lá, tanto pode ter o roedor urbano, que já foi deslocado dentro de malas e caixas de alimentos, quanto os roedores silvestres, que são ainda piores por terem a possibilidade de transmissão de outras doenças”.

Dados

Nos últimos cinco anos, foram confirmados 314 casos em pacientes com residência em Rondônia, sendo registradas 11 mortes do total. As suspeitas seguem a ordem 2014 = 861; 2015 = 429; 2016 = 733; 2017 = 364; 2018 = 141. Os municípios com maiores registros de confirmação desde 2014 até esta semana, foram Porto Velho (92 casos), Ouro Preto (90 casos), Machadinho D’Oeste (45 casos), Cacoal (15 casos), e Candeias do Jamari e Ariquemes empatados (13 casos).

Luzimar Amorim diz que os números são baixos. “Se for observado que em 2014 as suspeitas foram maiores, entendemos que houve mais sensibilidade dos médicos para a possibilidade da doença, em função da enchente que aconteceu naquele ano. Nós, da Agevisa, esperamos que aumente a sensibilidade dos médicos para a suspensão clínica, e que os municípios implantem o diagnóstico diferencial de doenças febris agudas. A evolução da doença só evolui para casos mais graves de 10 a 15% dos casos. Os de sintomatologia leve acabam passando despercebidos, ou confundidos com virose ou dengue, o que depois de 30 dias o paciente não sente mais nada e se recupera automaticamente”.

Para a coordenadora, os números seriam muito mais expressivos com o diagnóstico diferencial, e se os pacientes com os sintomas iniciais procurassem sempre uma unidade de saúde. Observar que os casos evoluem para a forma mais grave com a dor nas panturrilhas, risquinhos vermelhos nos olhos, icterícia (presença de cor amarela ou alaranjada) de pele e mucosas (principalmente nos olhos), além da febre, dor no corpo e dor de cabeça, que são os primeiros sintomas.

“Muitas vezes o próprio paciente não procura a unidade de saúde por achar que está com uma virose. Alguns só procuram quando evolui. E não é porque o indivíduo já pegou a leptospirose uma vez que ele não possa ser infectado novamente. São 22 tipos da bactéria, ou seja, ainda tem 21 possibilidades, por isso é importante termos esses registros e o trabalho dos municípios na hora de identificar os casos”, conclui Luzimar.

Fonte: Vanessa Farias. Foto: Jota Gomes.

Notícias RO